



Banhos com história(s): contributos para uma caracterização do livro de banho

Diana Martins¹ e Sara Reis da Silva²

id5362@alunos.uminho.pt, sara_silva@e.uminho.pt

Keywords

Children's literature, bath book, illustration, literacy.

Abstract

This study consists of a brief theoretical reflection on “bath books” for children, understood as an important publishing form in the formation of a pre-literary competence. It aims at moving forward with a proposal for a typological classification based in its characteristics and current trends, by means of a representative sample of bath books available in Portuguese publishing market.

Introdução

Apesar da escassa e recente edição de autoria portuguesa dirigida a bebés e/ou pré-leitores diante da produção estrangeira, algumas editoras nacionais consagram traduções interessantes neste segmento editorial, em particular, no universo dos livros de banho. O objetivo deste estudo reside na tentativa de definição/caraterização do livro de banho, tomando como balizas teóricas conceitos e matérias situadas no domínio dos Estudos Literários, da História, da Análise e Hermenêutica Textual e do Design, que se procuram associar com conteúdos da Psicologia do Desenvolvimento. A nossa análise partirá do pressuposto teórico, de que, ainda que, no desenvolvimento da competência literária, interfiram fatores de índole variada, a acumulação de múltiplas leituras, em particular de objetos literários que evidenciam vínculos de caráter e intencionalidade manifestamente lúdicos, sensorialmente estimulantes e surpreendentes, cumprem funções lúdica, educativa e afetiva cruciais nesta fase de desenvolvimento dos mais novos. Muito embora se trate de uma abordagem muito inicial, de carácter até embrionário, este estudo pauta-se, no nosso entender, pela novidade e pertinência, dada a constatação da inexistência de investigação académica centrada em exclusivo na abordagem da problemática anunciada, em particular da História e das singularidades do objeto estético em questão. Para a concretização da nossa reflexão teórico-analítica, fixámos como *corpus* deste estudo um conjunto de volumes que compreende os títulos *Nós adoramos a hora do banho!* [3], *Nós adoramos boiar!* [4], *Nós adoramos chapinhar!* [5], e *Nós adoramos nadar!* [6], de Emily Bolam (ilustrações) (2010), traduzidos pela Editorial Pre-nsa (originalmente editados pela Macmillan Publishers); *Hora do Banho*

[16], de Jo Joof (2012), editado pela Imagine Words; bem como *Patinho Bisnaga* [14], editado em português pela Babel. Da mesma coleção será objeto de análise o título *Sapinho Bisnaga* [15], ambos ilustrados por Laila Hills (2012), originalmente editados pela Macmillan Publishers, em 2010. Juntam-se, ainda, *A aventura do patinho e da sua Amiga* (2013) [23], editado em português pela Porto Editora (originalmente editado pelo Gruppo Edicart, em 2012); e, ainda, no campo dos editados em 2013, temos os títulos *Baleia e Patinho* [10] [11], ilustrados por Caroline Davis e publicados em português pela Editorial Presença (originalmente vindos a lume com a chancela da Small World Creations, em 2011), duas obras que constam do Plano Nacional de Leitura. Por último, será igualmente objeto de análise *Não, não, banho, não!* [7], ilustrado por Rosaline Bonnet (2013), editado em português pela Edicare Editora (originalmente editado pela Éditions Tourbillon). As obras referidas perfazem, assim, um total de uma dezena.

Para uma definição/caraterização do livro banho para a infância

Considerando-se que, antes de se saber ler palavras ou descodificar o complexo sistema de signos verbais que é a língua escrita, o livro começa por ser entendido como um brinquedo (já que o prazer de ouvir e de jogar precede ao de ler) cuja apreensão goza de uma maior liberdade e se inscreve, essencialmente, no domínio do jogo, que suscita prazer, o livro-brinquedo, enquanto objeto capaz de convidar à livre manipulação, propondo uma estimulante desformalização do ato de ler, assente em temáticas do interesse dos pré-leitores e em modos/géneros textuais diversos, contribui para a adoção de atitudes e de disposições em relação à linguagem escrita que se constituem como precursoras da literacia [9] [13].

De entre a vasta oferta de livros para crianças, os livros-brinquedo³ – referimo-nos, por exemplo, aos livros *pull-the-tab* e aos livros *pop-up*, aos livros-concertina, aos livros às tiras ou “mix-and-match”, aos livros-fantoches, entre outros – são indicados entre as sugestões de leitura como potencialmente capazes de incitar exercícios sensoriais ricos e diversos (oferecendo sons, texturas, etc.), desafiando os mais pequenos em termos de leitura e de manipulação, onde, por via da presença de uma composição visual dominante ou, por vezes, exclusiva, se torna também possível a aproximação de leitores que ainda não dominam o código linguístico [23]. No que respeita à sua História, o termo «Toy book» começa a ser conhecido no século XIX. Efetivamente, «the pioneers of these toy books were apparently Dean & Son» [8]. Na verdade, «the first true movables were manufactured by Dean of London; early titles include *Dean’s Moveable Red Riding Hood* (c. 1857), in which figures were moved by tabs, and *Dean’s New Book of Dissolving Views*, a title given to three different volumes, published between 1860 and 1862, in which tabs were pulled to draw a second set of pictures down over the first. (...) Movables

³ Ainda que partilhando certas afinidades que questionam a fixidez narrativa no que respeita à própria sucessão actancial, convém ressaltar que, enquanto o livro-jogo se encontra sujeito a regras, no livro-brinquedo sobressai, sobretudo, o carácter livre. (Informação veiculada por Sara Reis da Silva sobre o livro-jogo é recolhida aquando dos encontros “The child and the book”, na Universidade de Aveiro, decorridos entre 26 e 28 de março de 2015).

have continued to be produced during the 20th cent., an outstandingly popular example being Robert Crowther's *Most Amazing Hide-and-Seek Alphabet Book* (1977), in which an animal hides behind each letter. Since 1979 the majority of movables published in England and the United States have been pop-up books» [8]. Contudo, o primeiro livro infantil a explorar elementos móveis, com o título *Harlequinades*, de Robert Sayer, data de 1765 [22].

Especificamente, no que diz respeito aos livros de banho «The first, *The Toilet* (1821), consisted of a series of hand-coloured engravings of toilet articles from a lady's dressing-table; when the flaps were raised the names of the appropriate virtues were disclosed. For example, rouge revealed 'modesty', eyes water 'benevolence', and white paint 'innocence'. The pictures were by the miniaturista William Grimaldi and the captions, with accompanying moralizing verses, by his son Stacey. *The Toilet* was so successful that the Grimaldis followed it with a similar book for boys, *A Suit of Armour for Youth* (1824), and it was imitated by other artists and publishers. One version, *My Lady's Casket* was printed in Boston, Mass., as late as 1885» [8].

Propomo-nos, por conseguinte, proceder à análise de um conjunto de obras – supra-elencadas –, integradas no que pode ser entendida como a “categoria” dos livros de banho, quase todos, aliás, claramente próximos do universo do livro-brinquedo, pela ludicidade que os singulariza. Na verdade, os livros de banho com temáticas próximas dos universos e interesses antes dos 6 anos e propícias à aprendizagem dos primeiros conceitos, como o universo animal (em particular, os animais ligados à água) e à rotina do banho, explorando ações como chapinhar, nadar, etc., estabelecem relações com a realidade envolvente dos seus potenciais leitores e tornam mais claros conceitos abstratos, sob o convite ou o apelo a um elevado grau de envolvimento físico e emocional pelo recurso a diversas formas de “animação” do objeto livro, designadamente a inclusão de sons e de texturas ou os formatos recortados, por exemplo, ou, em geral, não convencionais. Estas particularidades compositivas dotam estes objetos de um significativo dinamismo e de uma boa dose de jogo e magia, aspetos que entusiasma estes leitores principiantes. Efetivamente, estes primeiros livros coloridos proporcionam aos mais novos momentos de verdadeira diversão por via da fuga ao convencional formato de papel, conquistando, deste modo, espaços informais de leitura, fazendo com que esta seja algo de que se desfruta em tempo de ócio, algo que, por via da palavra, reforça os afetos e convida à partilha de emoções [12]. A este respeito convém recordar que a investigação recente tem mostrado que a aprendizagem da leitura e a motivação para ler começam antes da entrada na escola, por via de experiências e vivências sociais frequentes no dia a dia, estando, ainda, provado que a criança desenvolve mais facilmente as capacidades de leitura e de escrita, se as situações de aprendizagem tiverem um sentido e uma finalidade real [19]. Entre as estratégias de promoção da leitura e de construção de competências de pré-literacia apontadas, recomenda-se o contato assíduo, próximo e regular com os livros desde tenra idade, possibilitando à criança o manuseio livre, intuitivo e

lúdico, associado a momentos de prazer e afetividade. Na verdade, os pais são os principais agentes na hora de fomentar e consolidar o hábito e gosto pela leitura dos seus filhos. Porém, o sucesso, nestes primeiros anos, depende grandemente da sua preparação e motivação, que deve ter em consideração os interesses da criança, advindos da fase de desenvolvimento em que se inserem, sem esquecer a vertente lúdica, devendo este contato precoce ser a todo o momento jogo e diversão e, portanto, próximo da aceção de leitor «as a player» [1], [3], [20]. «Using a book at this age typically also a rich visual and even tactile experience of vivid images and of an object that can be held, pointed to, turned, opened, and closed» [1]. Ainda que uma criança até aos 12 meses não seja capaz de reconhecer o que uma imagem representa⁴, a verdade é que, no final, o mais importante está no ato de leitura em si mesmo, na partilha lúdica, afetuosa e divertida de um livro cheio de cores e formas variadas entre os pais e o bebé. A relação celebrada entre o mediador de leitura (o adulto), o livro e o bebé é vital, uma vez que os laços emotivos que se estabelecem durante essa atividade são essenciais para formar a visão que o bebé terá sobre a leitura e os livros [13]. Com efeito, não é obrigatório que o bebé entenda tudo o que se lhe lê ou o que vê num livro, dado que, ainda que isso não se concretize, na realidade, aquilo que viu e escutou irá contribuir para alargar os seus horizontes, para aprender novos vocábulos, irá despertar a imaginação e surpreendê-lo. Acima de tudo, importa procurar o livro adequado ao momento propício, à idade, ao gosto e personalidade do bebé [13].

Durante o estágio sensório-motor (aproximadamente durante os 2 primeiros anos de vida), segundo Piaget, os bebés aprendem acerca de si próprios e do mundo através do desenvolvimento dos sentidos e das atividades motoras. Do nascimento até aos 3 meses, o bebé sente-se atraído por cores fortes e contrastantes como o branco e o preto e padrões marcantes, e posteriormente, a partir dos 3 meses interessar-se-á pelo meio envolvente explorando através do tato e da boca. Daí a importância destes livros especializados que podem ser mordidos e manipulados livremente, e facilmente limpos. Durante este período, a criança atua a partir de esquemas que lhe permitem atuar no meio envolvente. Em vez de palavras e conceitos, a criança serve-se de percepções e movimentos, organizados em esquemas de ação, dado que a sua inteligência está ao serviço da ação e não da representação. Na presença de um objeto novo, o bebé incorpora-o sucessivamente em cada um dos seus esquemas ou estruturas de ação como sacudir, esfregar, balançar, morder, como se se tratasse de compreender pelo uso. Na verdade, nesta fase, a criança dispõe de uma inteligência prática, que se exerce com base nos objetos, num plano naturalmente diferente do adulto que atua ao nível dos conceitos abstratos [21].

De facto, estes primeiros livros especializados para as primeiras idades por via da exploração de diversos materiais (neste caso particular,

⁴ Efetivamente, a capacidade representacional, isto é, a capacidade de representar mentalmente objetos e ações na memória, principalmente através de símbolos como palavras, números e imagens mentais emerge aproximadamente entre os 18 meses e os 2 anos de idade [18].

pelo recurso ao plástico) e de formatos reduzidos adequados para as suas pequenas mãos são um pilar importante para o que se espera que venha a ser um amor duradouro pelos livros e pela leitura.

Em termos gerais, o livro de banho, termo obviamente criado a partir do próprio contexto ou da situação espaço-temporal do seu uso ou manuseio, distingue-se como uma publicação onde a imagem tem um lugar central, bem como pelo formato reduzido, por uma economia lexical e pelas estratégias discursivas adaptadas a uma menor capacidade de atenção. Em termos ideotemáticos, este objeto varia entre aqueles que remetem diretamente para a esfera do Eu, propondo a descoberta das rotinas do dia-a-dia, nomeadamente do banho, assumindo características daquilo que Glória Bastos (1999) [2] entende por “livros-espelho”, sobre a vida quotidiana, com cenas facilmente identificáveis relativas à hora do banho. «Apresentando-se frequentemente com uma estrutura que apresenta situações-cena, mais ou menos autónomas, propiciam, no entanto, uma primeira aproximação à forma de narrar, pois geralmente possibilitam que o adulto estabeleça uma certa “ordem” sequencial através do diálogo e com a introdução de marcadores textuais como “antes”, “depois”, etc.» [2]. Há, ainda, livros de banho que disponibilizam abordagens de conceitos como os animais ligados à água, que se inserem no sub-género dos livros de conceitos caracterizados por Judith Hillman [2] e, por conseguinte, correspondem às primeiras formas do livro-documentário. Nos livros de banho, é possível, ainda, observarem-se dois tipos de abordagens, nomeadamente aqueles que assentam numa forma narrativa muito breve e simples e aqueles que se prestam ao simples adicionar de situações (género portfólio ou catálogo), numa estrutura de episódios sucessivos com uma certa autonomia, cuja estruturação assenta numa lógica de enumeração de informações [2], [21]. Deste modo, enquanto os primeiros apresentam uma estrutura simples linear, sendo os acontecimentos narrados de acordo com a sua sequência cronológica, os segundos, por sua vez, baseiam-se numa estrutura de episódios acumulativos, que permitem a soma ou subtração da informação/páginas sem que a narrativa mais global sofra danos significativos. Em todos eles, a personagem central é uma criança ou um animal.

Entre as potencialidades educativas/formativas e sem pretensões de exaustividade, são de assinalar a apetência para familiarizar os pequenos leitores com a estrutura narrativa, a coerência lógica e cronológica do discurso, auxiliar na conquista dos mecanismos de nomeação do mundo, favorecer a impregnação da língua escrita, da sua sintaxe e vocabulário, bem como aprender que a leitura dos textos, das imagens e dos livros seguem um itinerário da esquerda para a direita. Além disso, a proximidade do livro de banho com a dimensão de brinquedo tornam-no num instrumento interessante ao nível do desenvolvimento da motricidade fina e da aprendizagem da relação de causa e efeito, permitindo que o bebé o possa agitar e, assim, causar ruído ou que o possa moldar. Estes livros de imagens permitem, igualmente, fomentar a aprendizagem da diferença entre realidade e representação dessa realidade de um modo particular, uma vez que a configuração e as explorações gráficas que assumem, bem como

o material em que é impresso, apto a uma manipulação segura, permitem que se desfrute destes durante a hora real do banho da criança que, simultaneamente em algumas das obras, se vê representada nas ilustrações.

Ao nível da componente gráfica/imagética, é de ressaltar a faculdade de uma especial experiência estética, proporcionando o treino da discriminação visual, servindo-se de imagens muito coloridas, de figuras estilizadas, de aspeto sólido, que contrastam com o fundo e realizadas em grandes dimensões que tiram partido do impacto visual dos jogos cromáticos e dos contornos fortes e bem definidos.

Livros de banho: alguns exemplos

Os títulos *Nós adoramos a hora do banho!* [3], *Nós adoramos boiar!* [4], *Nós adoramos chapinhar!* [5], e *Nós adoramos nadar!* [6], de Emily Bolam (ilustrações) (2010), uma série cuja aglutinação temática é, desde logo, cataforicamente substantivada nos próprios títulos dos diversos volumes, apresentam uma estrutura narrativa assente em sucessivos episódios individuais autónomos protagonizados por diversos animais em ambiente aquático, acompanhados por breves componentes textuais descritivas na terceira pessoa, tais como “O golfinho salta e mergulha”, “O urso lava-se na cachoeira” ou “O cisne nada devagarinho pelo lago”. Em todos eles, a narrativa culmina com o bebé na hora do banho, realizando diferentes explorações que o assemelham aos animais anteriormente elencados (fig. 1). Cada um dos animais foi representado, seguindo o movimento da esquerda para a direita, simulando-se por via desta estratégia a ideia de avanço/movimento, a ida para o banho, à exceção do urso em *Nós adoramos a hora do banho!* [3] e da morsa em *Nós adoramos chapinhar!* [5], cujos olhares se encontram direcionados para a esquerda. O formato quadrangular reduzido (12x12 cm) coloca em evidência as variadas personagens presentes isoladamente em cada página, sendo estas rodeadas somente por breves apontamentos ilustrativos relativos ao contexto da ação narrada. Por meio desta simplificação, torna-se mais acessível a imagem de um mundo exterior que se apresenta diante dos olhos do bebé de um modo complexo e caótico, com uma enorme multiplicidade de objetos e ações simultâneas. Esta coleção possui ventosas que permitem a sua fixação dos livros numa qualquer superfície lisa, algo que se pode revelar muito prático durante a hora do banho.



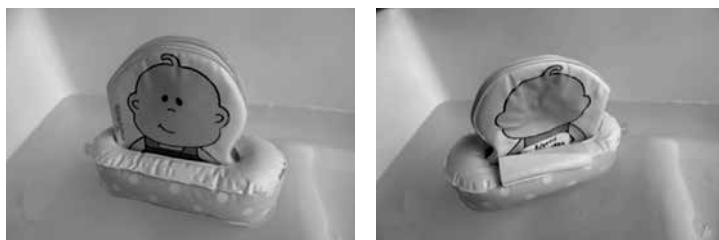
Fig. 1. Ilustração de *Nós adoramos boiar!* (2010), de Emily Bolam (ilustrações) [4].

Em a *Hora do Banho*, de Jo Joof (2012) [16], o leitor é surpreendido pelo facto de este ser um livro flutuante, cuja configuração, após a sua mon-

tagem, se assemelha a um pequeno barco, a qual se revela um apelativo convite a que o livro se torne facilmente seu companheiro, à semelhança do característico pato de borracha ou barquinho. Nesta obra, o protagonista é um bebé. Este é logo apresentado na capa e a sua nuca surge ilustrada no verso, realizando-se aqui um interessante jogo visual. Em poucas páginas se revela um bebé todo sujo, cuja solução é, pois, o banho, fazendo-se acompanhar do seu pato de borracha e do barquinho, que, depois de “quentinho e confortável!”, está pronto para dormir. Neste curioso volume, a figura central encontra-se em evidência sob um fundo branco e, deste modo, é-lhe conferido um total protagonismo.

Fig. 2. Capa de *Hora do Banho* (2012), de Jo Joof [16].

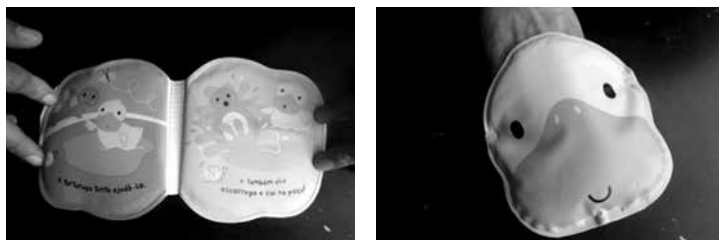
Fig. 3. Contracapa de *Hora do Banho* (2012), de Jo Joof [16].



Os volumes *Patinho Bisnaga* [14], e *Sapinho Bisnaga* [15], ambos ilustrados por Laila Hills (2012), assumem a configuração/formato da cabeça do animal que o protagoniza e trazem, ainda, incorporada uma bisnaga que rapidamente se poderá tornar em motivo de grande diversão. Em ambas as obras, a narrativa inicia-se pelo recurso às onomatopeias “Quá! Quá!” e “Ribbit! Ribbit!”, respetivamente, desenvolvendo-se num discurso bastante apelativo e que faz uso de recursos como a adjetivação. Trata-se de uma breve narrativa cujos acontecimentos são narrados respeitando a sua sequência cronológica. Ao contrário das obras acima analisadas, nestes dois livros, a ilustração apresenta outros elementos aos quais não há qualquer referência na componente textual, tais como as personagens do rato, do pato e do coelho em o *Sapinho Bisnaga* [15]. Esta estratégia favorece explorações como a nomeação ou a identificação de animais parcialmente ocultados pela vegetação.

Fig. 4. Páginas de *Patinho Bisnaga* (2012), de Laila Hills (ilustrações) [14].

Fig. 5. Capa de *Patinho Bisnaga* (2012), de Laila Hills (ilustrações) [14].



A aventura do patinho e da sua Amiga (2013) [23], editado em português pela Porto Editora, de entre os restantes do *corpus* em análise é o que mais se aproxima do formato tradicional ou convencional do livro, mesmo tendo sido impresso em plástico o que permite uma manipulação mais segura.



Fig. 6. Ilustração de *A aventura do patinho e da sua Amiga* (2013) [23].

Fig. 7. Capa de *Baleia* (2013), de Caroline Davis (ilustrações) [10].

Nesta obra, o leitor é confrontado com uma narrativa muito concisa, mas que faz uso de um pequeno diálogo entre o Patinho e a sua amiga. Comparativamente com os volumes anteriormente analisados, encontramos uma ilustração mais elaborada, com uma maior disposição de elementos contextuais que colocam as personagens em relação com outros objetos.

Baleia [10] e *Patinho* [11], ilustrados por Caroline Davis, duas obras que constam do Plano Nacional de Leitura, assumem a configuração de catálogo ou álbum portefólio, por via de uma série de imagens soltas de diversos animais legendadas apenas pelo nome que os identifica. Ambos os objetos têm como particularidade gráfica uma pequena pega que possibilita à criança o seu transporte simples e quase intuitivo, tendo ainda como singularidade o recurso ao som, pela inclusão de um guizo.



Fig. 8. Páginas de *Não, não, banho, não!* (2013), de Rosaline Bonnet (ilustrações) [7].

Por último, *Não, não, banho, não!* [7], ilustrado por Rosaline Bonnet (2013), apresenta um formato quadrangular, também ele com reduzido número de páginas, e dispoindo todas elas de um separador onde nos são dadas a conhecer as três personagens desta obra. O discurso verbal simples baseia-se numa estrutura acumulativa, onde diferentes animais vão sendo convocados para a hora do banho, mostrando-se todos eles relutantes por via da constante repetição “Não, não, banho não!” que, aliás, corresponde ao título, até que a todos se juntam num divertido banho. A ilustração assume aqui um papel complementar, revelando informações não disponíveis no texto.

Considerações Finais

Em síntese, os volumes analisados evidenciam um conjunto de singularidades gráficas, textuais e visuais que possibilitam a sua filiação na tipologia do livro brinqueado, objeto capaz de convidar a um modo particular de leitura. As principais singularidades destes volumes repousam, essencialmente no seu envolvimento físico/sensorial no relato, cuja tridimen-

sionalidade dá aso a relações inusitadas entre o leitor e o objeto gráfico, propondo uma estimulante desformalização do ato de ler, por via da interação direta dos sentidos, bem como pelo convite ao contato dinâmico e envolvente. Não esqueçamos que o indivíduo se molda nos primeiros anos de vida através de manipulações e operações lógicas com o intuito de procurar perceber as coisas e os fenómenos que nos cercam. [17].

O livro de banho é, desta feita, um campo rico em explorações gráficas e de novas possibilidades de leitura advindas da sua manipulação física ou sensorial. Efetivamente, o formato particular, muitas vezes, invulgar, e os processos de produção gráfica são os elementos que lhe conferem um caráter particularmente lúdico. Sempre com uma boa dose de diversão, propõem-se novos olhares sob a perspetiva do livro pela exploração de jogos sinestésicos decorrentes da exploração de sentidos como a visão, a audição e o tato ao serviço da imaginação. Por via dos livros de banho, o livro pode ser entendido, desde idades precoces, como fonte de prazer, estímulo à curiosidade/descoberta e instrumento indutor de conhecimento veiculado informalmente e de forma frutiva.

Referências

1. Appleyard, J. A.: *Becoming a reader*. Cambridge University Press, Cambridge (1991).
2. Bastos, G.: *Literatura infantil e juvenil*. Universidade Aberta, Lisboa (1999).
3. Bolam, E.: *Nós adoramos a hora do banho!*. Editorial Presença, Barcarena (2010).
4. Bolam, E.: *Nós adoramos boiar!*. Editorial Presença, Barcarena (2010).
5. Bolam, E.: *Nós adoramos chapinhar!*. Editorial Presença, Barcarena (2010).
6. Bolam, E.: *Nós adoramos nadar!*. Editorial Presença, Barcarena (2010).
7. Bonnet, R.: *Não, não, banho, não!*. Edicare Editora, Barcarena (2013).
8. Carpenter, H., Prichard, M.: *The Oxford companion to children's literature*. Oxford University Press, Oxford (2005).
9. Cervera, J.: *Teoría de la literatura infantil*. Ediciones Mensajero, Bilbao (2004).
10. Davis, C.: *Baleia*. Editorial Presença, Barcarena (2013).
11. Davis, C.: *Patinho*. Editorial Presença, Barcarena (2013).
12. Duran, T.: *Leer antes de Ler*. Anaya, Madrid (2002).
13. Goldman, J.: *Bebés Lectores?*. In: Guadarrama, L. G. (coord.). *Nuevos Rumbos en la crítica de la literatura infantil y juvenil*, pp.211-231. Universidad Iberoamericana, México (2010).
14. Hills, L.: *Patinho Bisnaga*. Babel, Lisboa (2012).
15. Hills, L.: *Sapinho Bisnaga*. Babel, Lisboa (2012).
16. Joof, Jo: *Hora do Banho*. *Imagine Words*, Lisboa (2012).
17. Munari, B.: *Fantasia*. Edições 70, Lisboa (1997).
18. Papalia, Diane E., Olds, Sally W., Feldman, R.: *O mundo da criança*. MacGraw-Hill, Lisboa (2001).
19. Pessanha, A.: *Actividade lúdica associada à literacia*. Instituto de Inovação Educacional, Cruz Quebrada (2001).
20. Ramos, A., Silva, S.: *Leitura do berço ao recreio: estratégias de promoção da leitura com bebés*. In: Viana, F. L., Ribeiro, F., Baptista, A. (coord.). *Ler para Ser: os caminhos antes, durante e... depois de aprender a ler*. pp. 151-176. Almedina, Coimbra (2014).
21. Ramos, A.: *Apontamentos para uma poética do álbum contemporâneo*. In: Rechou, Blanca-Ana R., López, I., Rodríguez, M. (coord.). *O álbum na literatura infantil e xuvenil* (2000-2010). pp. 13-40. Edicións Xerais de Galicia, Vigo (2011).
22. *Revista Babar*, <http://revistababar.com/wp/libros-vivos/>
23. S. A.: *A aventura do patinho e da sua Amiga*. Porto Editora, Porto (2013).